

**PTC3214 – Realidade e Probabilidade**

**Resenha de Leitura**

**Yan Richard Alfeu de Oliveira – 8990500**

**Freakonomics – O lado oculto e inesperado de tudo que nos afeta**

*Freakonomics* é uma obra conjunta de Steven D. Levitt, economista e professor na Universidade de Chicago, e de Stephen J. Dubner, repórter do jornal *The New York Times*, escrito após uma entrevista entre eles, onde decidiram trabalhar juntos, unindo o talento como autor de Dubner e as ideias heterodoxas de Levitt.

Levitt é apresentado no começo do livro como um economista sem um amplo domínio de matemática, destoando do padrão dos últimos dois séculos, porém com abordagens inovadoras e uma curiosidade com problemas aparentemente irrelevantes ou simplesmente confusos. Em uma frase repetida através do livro, 'o moralismo representa como as pessoas gostariam que o mundo funcionasse, enquanto a economia representa a forma como ele *realmente* funciona', os autores trazem a ideia central do livro: combater o senso comum (ou *sabedoria convencional*, na versão traduzida). Através do estudo de casos aparentemente desconexos, o livro busca mostrar como resultados contraintuitivos estão presentes em várias situações corriqueiras e que não estão necessariamente impossíveis de serem encontrados, sendo apoiados por dados matemáticos que não requerem grande tratamento estatístico, sendo uma simples média quase sempre suficiente.

Levitt diz que o livro não tem, nem busca ter, um tema unificador para suas teses, o que fica um pouco claro ao se analisar a quebra da linha de raciocínio do livro entre os capítulos 2 e 3. Os capítulos 1 e 2 parecem servir meramente como exemplos de que é possível tirar conclusões interessantes de uma pilha de dados a princípio sem significado, não tendo exatamente conexão com os capítulos 3 a 6, onde a conclusão de cada um levanta um novo questionamento que motiva o próximo capítulo. Entretanto, com exceção da tese sobre o aborto no capítulo 4, as demais conclusões não são o fim em si do livro, uma vez que o ponto a ser feito não é sobre os casos em si e sim que é possível avaliar casos como esse.

Como economista que é, Levitt abre o livro discutindo incentivos e a sua influência no comportamento humano, argumentando que as pessoas agirão de acordo com os incentivos fornecidos a elas pela sociedade e situação que se encontram. Tomando como casos de estudo uma creche em Haifa, provões aplicados pelos professores da rede pública de ensino de Chicago e cartéis de lutadores de sumô em campeonatos no Japão, os autores buscam mostrar como regras serão sistematicamente quebradas ou reinterpretadas de acordo com os incentivos presentes, cada vez mais se os incentivos para ser desonesto forem suficientemente grandes. Analisando os dados de provões realizados por estudantes de uma mesma classe em diferentes anos, além dos padrões de resposta em um determinado ano suspeito e uma reaplicação de um provão após certos professores estarem sob suspeita, Levitt demonstra a alta probabilidade de que alguns professores estavam adulterando as respostas de alunos em exames, uma vez que baixas notas trariam consequências ruins às escolas onde trabalhavam e, possivelmente, para eles mesmos, enquanto notas altas trariam benefícios. Já no caso dos lutadores de sumô, Levitt estuda a hipótese de haver corporativismo entre academias e lutadores, fazendo com que um grande número de lutas tenham resultados arranjados, visando manter os mesmos lutadores na elite do esporte, com o incentivo de ter a mesma ajuda dos companheiros caso necessitasse um dia. Essa acusação parece bastante sólida perante os dados levantados, atacando uma grande tradição e orgulho nacional japonês, em um meio pensado incorruptível por muitos. Por fim, no caso da creche de Haifa, Levitt busca mostrar o valor comparativo de incentivos e do contexto onde estão inseridos, analisando a tentativa da administração da creche de diminuir o atraso de pais para buscar as crianças ao fim do dia.

No seguinte capítulo, Levitt busca traduzir o poder da informação em transações econômicas, novamente com casos virtualmente desconexos: a queda de preço de seguros de

vida com a Internet, a atuação no mercado de corretores de imóveis, o *modus operandi* da Ku Klux Klan, sites de encontro online e um *game show*. O capítulo começa com a história da KKK, com um foco maior na sua atuação no seu renascimento nas décadas após a Segunda Guerra Mundial, quando juntou um número surpreendentemente de membros, com filiais por todo os Estados Unidos. Depois, segue a luta de Stetson Kennedy para derrubar a Klan, com suas táticas iniciais, que não surtiam efeito visível, até a decisão de expor diversos segredos do grupo, de forma a ridicularizar certos aspectos e tirar grande parte da mística do grupo. Comparado à Klan, estão corretores de imóveis e o seu comportamento: eles usualmente mantêm as próprias casas por mais tempo no mercado, uma vez que ao vender a própria casa possuem um grande incentivo para esperar a melhor oferta, enquanto o ganho é tão marginal na casa de um cliente que eles são levados a fechar o negócio o mais rápido possível. Levitt conecta os dois assuntos argumentando que o poder de ambos se baseia no mesmo fato, isto é, na posse de informação. Enquanto a Klan se utiliza de informação secreta da própria organização para difundir o medo, através de uma pequena dose de terrorismo, psicológico em sua formação atual e físico nos primeiros anos, os corretores usam suas informações privilegiadas sobre o mercado para fazer a cabeça de seus clientes. A importância que o monopólio da informação tem para agentes denominado *especialistas*, como os corretores de imóveis, é exemplificada no capítulo pela grande queda no preço de apólices de seguro de vida com o advento da Internet, uma vez que os clientes passaram a possuir um poder de pesquisa e comparação muito maior do que antigamente, forçando os preços a baixar. Por fim, Levitt compara como a informação pode ser ignorada ou considerada mesmo que inconscientemente ao analisar quais informações são mais, e quais são menos, atrativas em sites de encontro online e comparando a atividade de várias contas com o que os usuários diziam ser em seus próprios perfis, além de analisar a possível discriminação contra jogadores específicos em um *game show*, *The Weakest Link*, ao comparar o que seria a estratégia ótima dos jogadores e quais distorções surgem dependendo das pessoas que jogam. Levitt observou que grupos com fortes campanhas por direitos civis nos Estados Unidos, notadamente mulheres e negros, recebiam tratamento estatisticamente idêntico a outros jogadores, seja por real ausência de preconceito ou pelo medo de demonstrá-lo, enquanto grupos mais frágeis, notadamente hispânicos e idosos, eram tomados como alvos, indiferentemente de seu desempenho no jogo.

No terceiro capítulo, após a definição e exploração dos conceitos de incentivos e informação, o livro começa a seguir uma linha mais contínua de raciocínio, com casos mais claramente entrelaçados entre si. Para começar a sua linha de ideias, os autores levantam o questionamento de por que traficantes de crack ainda moram majoritariamente com as suas mães, mesmo sendo tidos como incrivelmente ricos no imaginário popular americano. Para tal, Levitt usa dados de um pesquisador da Universidade de Chicago que teve acesso ao dia a dia, à hierarquia e aos livros de uma filial das maiores gangues dos anos 80 nos Estados Unidos. Os autores comparam os rendimentos de cada cargo da gangue, além dos incentivos que motivam as pessoas a entrarem, continuarem e buscarem a ascensão dentro do mundo do tráfico, ainda observando a relação da gangue com a comunidade e famílias de membros. Como uma empresa lícita, a hierarquia é fortemente vertical, concentrando uma enorme parte dos ganhos nos cargos superiores, deixando a base da pirâmide, e conseqüentemente a grande maioria dos traficantes e “soldados”, sem recursos suficientes para se manterem sozinhos, fora da casa das mães, chegando comumente a ser menos do que um salário mínimo e tendo que ser suplantado por um emprego comum. A hierarquia se mantinha pelos incentivos que o próprio crime trazia, de respeito do pares e da grande riqueza dos cargos principais, além da falta de oportunidade em algum setor lícito, enquanto os próprios cargos principais deliberadamente diminuam a

remuneração de outros para reforçar a ideia de verticalidade. Contudo, com o grande aumento da criminalidade no país durante a década de 80, os ganhos foram reduzidos pela concorrência, também causando guerras por território pela cidade, o que aumentou muito os riscos da participação em uma gangue e ao mesmo tempo diminuiu a recompensa, fazendo com que o negócio não fosse mais atrativo aos jovens. Entretanto, no começo da década de 90, especialistas em criminalidade fazia declarações alarmantes de como o crime ainda subiria muito pela próxima década e só tendia a piorar. Contudo, não foi isso que se observou, havendo uma diminuição muito significativa e tendência de queda até os dias de hoje por todo o país, o que leva à pergunta central do capítulo 4.

Nesse capítulo, os autores buscam uma explicação para a queda da criminalidade nos anos 90 nos Estados Unidos, analisando explicações comumente dadas por especialistas da área e pela imprensa, além de propor a própria tese, que é polêmica e causou criticismo aos autores vindo de diversas posições no espectro político. Primeiramente, com posse de estudos e com dados de outros países, Levitt e Dubner atacam os argumentos já cristalizados para explicar a redução observada na década de 90, diminuindo a importância dada a eles pelo público e discutindo que eles, mesmo combinados, não poderiam ter sido responsáveis pela maior parte da queda observada. Diversos argumentos são então descartados, como o crescimento econômico dos EUA durante a década, as novas táticas de policiamento em Nova York e outras cidades, envelhecimento da população, etc., apesar dos autores reconhecerem que o aumento do efetivo policial foi um fator com grande influência, ainda que não o principal. Então, os autores apresentam a tese de Levitt que a legalização do aborto em todo o país após a decisão da Suprema Corte americana em 1973, com a decisão no caso *Roe x Wade*, foi a principal causa, uma vez que um número muito alto de crianças que cresceriam em condições ruins, sem apoio familiar e com dificuldades financeiras, que seriam mais propensas a entrar para o crime, não nasceram. Tais crianças, que teriam até 17 anos em 1990, estariam na idade onde há o pico de criminalidade: a adolescência e o começo da vida adulta. Assim, quando inúmeros potenciais infratores não existiam para cometer os crimes, o número deles simplesmente caiu vertiginosamente por anos seguidos, mesmo antes da ocorrência das técnicas inovadoras de Nova York, do crescimento econômico ou das novas leis sobre a venda de armas. Para basear a sua tese, Levitt apresenta dados comparando estados que adotaram a liberação do aborto antes da decisão nacional e observando que a sua queda se dá adiantada pelo mesmo tempo que a sua liberalização. Levitt também traz dados da proibição do aborto na Romênia e dos protestos cerca de 20 anos depois que derrubaram Nicolae Ceaușescu.

Com a tese sobre o aborto firmada na hipótese de que futuros pais ruins não tiveram os seus filhos, que teriam uma chance maior de serem criminosos, os autores passam a discutir no capítulo 5 o que exatamente formaria um bom pai e buscam dados pra basear, ou refutar, pontos selecionados. Os autores trazem vários pontos tidos comumente como um sinal de bom desempenho de pais, como o número de livros infantis em casa e participação em reuniões de pais e mestres na escola, e procuram quais têm correlação positiva ou negativa com notas escolares das crianças, tomadas como uma maneira de medir se os pais estão criando bem seus filhos. A conclusão tirada é de que as ações, ou falta delas, por parte dos pais são grandemente inúteis e que boa parte da inteligência das crianças é dada por fatores inerentes aos pais, parte puramente por genética, outra parte pela posição socioeconômica dos pais. Ou seja, não importa muito o que os pais fazem e sim quem eles são. Embora essa discussão seja interessante para futuros pais, a ideia mais importante nesse capítulo é a relação entre correlação e causalidade, ou seja, não é porque duas coisas estão correlacionadas que elas necessariamente são causa e consequência. Tal ideia é bem exemplificada no texto quando se avalia se a

quantidade de livros infantis em casa é correlacionada a maiores notas na escola: a resposta é positiva, porém, ao se analisar a correlação entre as notas e vezes que os pais liam livros para as crianças, não é encontrado nada. Assim, pode-se interpretar os dados de forma diferente, como a quantidade de livros em casa retratarem uma melhor condição econômica dos pais, o que comprovadamente auxilia no aprendizado, através de melhor nutrição, melhores recursos, etc. e/ou como maior interesse dos pais pelo ensino das crianças, o que refletiria em maior atenção e apoio à criança, etc. Assim, é importante frisar que duas coisas acontecerem coincidentemente não implica que uma causa a outra de alguma forma. Também é importante notar que a nota boa das crianças não poderia ser causa do número de livros, uma vez que os seus pais que deveriam compra-los, assim, não há relação de causa e consequência, apesar da correlação nos dados estudados.

O último capítulo do livro começa avaliando a cultura da comunidade negra americana após o movimento por direitos civis nas décadas de 60 e 70 de colocar nomes muito distintos dos usados pelos brancos para seus bebês, assim identificando facilmente a etnia dos filhos para desconhecidos. O capítulo brevemente flerta com a ideia de pesquisar se tais nomes trariam consequências sociais através do racismo, por serem utilizados somente por negros, mas, ao invés disso, foca no padrão de escolha de nomes nas últimas décadas dos Estados Unidos, utilizando dados do estado da Califórnia, que possuem os anos de estudo dos pais, que é usado como indicativo de posição socioeconômica. O padrão observado é de que classes mais abastadas começam a usar diversos nomes diferentes do comum, até que um fique predominante entre eles, quando então passa a ser usado por classes mais baixas por uma década, até que ela própria se cansa do nome e ele caia em desuso.

Por fim, o livro termina retomando em seu epílogo dois casos apresentados anteriormente durante a avaliação do papel de um pai, um de um garoto negro pobre que tinha problemas com a justiça e outro de um garoto branco de uma família influente de Chicago, revelando as suas identidades, sendo o primeiro um pesquisador em Harvard citado algumas vezes durante o livro e outro um terrorista anarquista que organizou diversos atentados pelo país com explosivos. O epílogo tem como ideia mostrar de que apesar dos padrões e probabilidades estatísticas apresentadas pelo livro, a ideia não é que o leitor generalize e julgue com preconceitos outras pessoas, uma vez que a estatística não é determinística no sentido de condenar as pessoas a seguirem o que ela prediz como provável.

A abordagem do livro é realmente diferente do padrão do universo econômico ao não utilizar uma matemática pesada, se valendo somente de médias por quase todo o livro, exceção feita às regressões no capítulo 5, sendo de fácil leitura e entendimento. A maior diferença, contudo, é o uso de economia fora do seu âmbito costumeiro, não tentando explicar conceitos de macroeconomia como inflação ou política monetária, mas para explicar diversos pontos aparentemente aleatórios da sociedade. Assim, o livro traz uma leitura prazerosa e proveitosa, demonstrando a interdisciplinaridade de vários conceitos e como uma ciência não deve ficar fechada em si mesma. Além disso, demonstra como um alto formalismo teórico e matemático nem sempre é necessário, atingindo os seus objetivos principais sem lançar mão de operações matemáticas ou tratamento estatísticos complexos, sendo baseado em um modelo simples, porém consistente.

Contudo, há uma transição brusca no andamento do livro entre o segundo e terceiro capítulos, não deixando uma evolução natural para os assuntos tratados mais à frente. Além disso, certos aspectos do livro não são tão familiares ao público fora dos Estados Unidos e perdem parte de seu impacto, como a tradição cultural da comunidade negra com os nomes ou

a absurda queda da criminalidade repentina e no caso do Brasil, as consequências a longo prazo da descriminalização do aborto.